



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Um Texto Instrutivo do Século XVI. De Gonçalo Fernandes Trancoso «Contos & Histórias de Proveito e Exemplo»', de Cristina Nobre]

José Augusto Cardoso Bernardes

Para citar este documento / To cite this document:

José Augusto Cardoso Bernardes, "[Recensão crítica a 'Um Texto Instrutivo do Século XVI. De Gonçalo Fernandes Trancoso «Contos & Histórias de Proveito e Exemplo»', de Cristina Nobre]", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 469-470.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

cos que sustentam a sua formulação humanista e renascentista e ainda, de forma mais geral, dos fundamentos morais e filosóficos que envolvem a teorização da escrita poética ao longo do século XVI. Na análise sistemática a que procede, o Autor discrimina, no *corpus*, as epístolas que pressupõem a superioridade do destinatário (o Rei, o Mecenas e o Mestre) e as que assentam na paridade entre o emissor e o destinatário (o Amigo, o Poeta, o Parente), procedendo, por essa via, a uma identificação das especificidades retóricas, dos temas diferenciadores e do âmbito de acção dos próprios textos, que pode oscilar entre a persuasão convivial, de alcance quase imediato, e a especulação literária e filosofante. Por tal motivo, e para além da importância específica de que se reveste para a história literária de Quinhentos, este trabalho mantém ainda relações de proveito recíproco com a história e a teoria política da Idade Média à Idade Moderna, com relevo muito particular para tudo o que respeita às qualidades do Príncipe ideal e às relações que este deveria manter com os seus súbditos.

No domínio que mais directamente diz respeito ao estudioso da literatura, os motivos de interesse distribuem-se por vários níveis. Aqui se procede, desde logo, a uma clara delimitação da carta (ou da epístola) em relação a géneros e modos que lhe andam tradicionalmente associados, como a sátira e a elegia; se estudam, com minúcia, as principais convenções pragmáticas que suportam o género, captado na sua evolução, desde Horácio, Cícero, Ovídio e Petrarca até ao aproveitamento que dele fazem os principais escritores quinhentistas da Romanidade; aqui se realça a centralidade que em alguns textos epistolares assumem tópicos como o das «armas e das letras», do *labor limæ*, ou o da *aurea mediocritas*; se colhem importantes contributos para compreender o vasto processo de laicização da ética, em curso por toda a Europa do Renascimento, originando novas relações com a moral estritamente religiosa; aqui se estudam, mediata ou imediatamente, os mecanismos e as formas como todo este fenómeno se repercute na criação literária concretamente considerada. E aqui se podem colher, por fim, importantes contributos para a diferenciação idiolectal dos três poetas considerados, vistos na globalidade da obra que produziram e no espectro periodológico em que se integram.

Para além da qualidade, da segurança e da arquitectura da escrita (a articulação dos capítulos obedece a uma lógica nítida de aprofundamento e desenvolvimento, que parte do geral para o particular), estes resultados podem ainda atribuir-se à própria natureza do *corpus*. De facto, o estudo da carta literária de Quinhentos preenche uma lacuna óbvia na investi-

gação consagrada aos códigos estéticos e axiológicos da época, não só em termos de assuntos, mas também no que respeita ao apuramento das tensões entre a arte e a vida. Daí resulta, por exemplo, a necessidade de examinar a uma nova luz alguns dos resultados entretanto alcançados a propósito de outros géneros cultivados pelos mesmos autores ou mesmo por nomes de épocas posteriores, que, com os primeiros (sobretudo com Miranda e Ferreira), mantiveram uma evidente relação de discipulato: falo, sobretudo, da égloga, da elegia e da canção, de Camões a Rodrigues Lobo, Faria e Sousa, Pina e Melo ou aos poetas da Arcádia Lusitana.

Lido noutro plano, o livro constitui ainda um bom ensaio sobre o ócio e a amizade enquanto temas literários e enquanto motivos dinamizadores da própria criação poética em geral. Sem nunca cair na tentação fácil do anacronismo ou do endoutrinamento, o investigador mostra bem como esses valores constituíam referências constitutivas do *ethos* cívico de Quinhentos e como modulavam os conteúdos e a configuração formal dos textos a que hoje chamamos literários. Mas, talvez sem o ter expressamente procurado, Saulo Neiva disserta (também ele com lúcida serenidade) sobre a permanência desses valores, mostrando, retroactiva e projectivamente, como são basilares no contrato que se estabelece entre um determinado tipo de escritor (o *vir prudens* e o *homo rhetoricus*) e o leitor qualificado de qualquer época, precisamente aquele que busca em cada livro, para além de uma oportunidade de entretenimento despreocupado, o fortalecimento produtivo de laços de cumplicidade.

José Augusto Cardoso Bernardes

CRISTINA NOBRE

UM TEXTO INSTRUTIVO DO SÉCULO XVI

DE GONÇALO FERNANDES TRANCOSO
-CONTOS & HISTÓRIAS DE PROVEITO
& EXEMPLO-

Leiria, Edições Magno / 1999

A publicação de um estudo crítico sobre os *Contos & Histórias de Proveito & Exemplo* merece ser saudada, desde logo, por aqueles que se dedicam à investigação da literatura portuguesa de Quinhentos e, de forma geral, por todos os que se interessam pela genealogia das formas narrativas. A própria bibliografia (exaustiva) que a Autora insere no trabalho não contempla mais do que uma escassa dezena de artigos específicos sobre o livro de Trancoso, sendo muitos deles verbetes de dicionários e enciclo-

pédias, prefácios a antologias ou simples referências quase ocasionais. Era pois tempo de surgir um estudo centrado num dos clássicos portugueses mais lidos e paradoxalmente mais ignorados pela crítica. Como refere a A., é indiscutível que tal esquecimento resulta de alguns preconceitos; mas há também a considerar as dificuldades objectivas que coloca ao investigador um livro tão desacompanhado na nossa história literária de Quinhentos. Enfrentando as dificuldades de uma e outra natureza, Cristina Nobre produziu um trabalho que não só esclarece inovadoramente vários aspectos obscuros do texto e do contexto como abre caminhos para aproximações de outro tipo.

Para além da pertinência e da novidade do assunto escolhido, o trabalho em apreço sobressai pela maleabilidade metodológica: à possibilidade de aplicar um método rígido, preferiu adoptar-se um quadro compósito, onde se entrecruzam contributos vindos da filologia, da história literária portuguesa e europeia, da narratologia, da estilística e da história das ideias. Deste modo se encontram neste estudo, por exemplo, bons momentos de análise textual articulados com o indispensável manuseamento de erudição, nomeadamente no que toca à memória literária convocada por Trancoso (cf., em especial, p. 114 e ss.). E há que louvar, por fim, a escrita amadurecida, segura (embora marcadamente pessoal), que delimita posições com inabitual clareza e incisão.

Apostada em mostrar que a obra cumpre um programa exemplar, a A. analisa assim os mecanismos narrativos que subordinam o texto, destacando os vários planos que nele se entretecem e as muitas vozes que nele deixaram eco, recorrendo a um conjunto de testemunhos discursivos não literários, directa ou indirectamente respeitantes à realidade socio-cultural da época. Com este procedimento, visa-se obviamente obter uma descrição convincente das estruturas e dos sentidos textuais, estabelecendo não apenas as respectivas matrizes literárias mas também o circuito sociológico em que o livro se integrou.

Porém, se é verdade que o primeiro objectivo se cumpre em níveis de grande eficácia, fica a impressão de que isso não ocorre da mesma forma com o segundo. E é compreensível. Muito mais difícil do que determinar os sentidos do texto em função dos modelos em que se insere, é aferi-lo através dos parâmetros socio-culturais que os balizam. Trata-se, de resto, de uma dificuldade bem conhecida de todos os que se dedicam a estudos da literatura do século XVI; neste caso, porém, ela resulta sobremaneira acrescida uma vez que está em causa, de forma directa, a clarificação das expectativas do público leitor e do encontro que com elas buscou um autor declaradamente

didáctico ou exemplarista. Ao contrário do que sucede já em outros espaços culturais, como Espanha, França ou Itália, em Portugal a questão dos públicos continua por estudar em níveis aceitáveis de rigor. Quem lia os *Contos* de Trancoso no último terço do século XVI? Que tipo de efeitos poderiam provocar livros como este? Como se relacionaria o livro de Trancoso com outro tipo de literatura, mais «erudita» e «canónica»? Eis algumas das perguntas que tanto acodem ao espírito do leitor contemporâneo do autor quinhentista como ao espírito do leitor de Cristina Nobre, e que continuam a aguardar esclarecimento sólido e conveniente, do qual beneficiarão muitos outros textos da época.

Mesmo na ausência de trabalhos de suporte que pudessem esclarecer estes problemas de fundo, o estudo em apreço consegue, pelo menos, identificar alguns problemas habitualmente omissos ou apenas lateralmente referidos em ocasiões anteriores. Ainda assim, teria talvez sido possível ir um pouco mais longe na questão dos «provérbios e ditos» (p. 157 e ss.) e na sua relação com o substrato e o *ethos* popular que atravessa a obra. E teria sido desejável, sobretudo, que a conclusão funcionasse um pouco mais como espaço de recollecção das numerosas pistas que a A. foi semeando passo a passo, ganhando assim um carácter mais problematizante e mais sinalizador dos caminhos que importa percorrer a partir daqui.

José Augusto Cardoso Bernardes

JOSÉ VAN DEN BESSELAAR

ANTÓNIO VIEIRA
PROFECIA E POLÉMICA

Rio de Janeiro, Editora da UERJ / 2002

Não obstante prontos desde 1985, só agora vêm a lume, graças à iniciativa da Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, os originais da última obra do lusitanista José van den Besselaar (1916-1991). O título primitivo, *Vieira — Apoiado e Contestado*, foi alterado pela editora para *António Vieira — Profecia e Polémica*, alteração talvez suscitada pelo facto de a denominação original apenas se referir, como veremos, à primeira parte do livro.

Sem intuito protestante contra anabaptismos, ocorre-me que o novo baptismo não resolve o problema. Por não ser também — como desejava a editora — «capaz de dar conta da complexidade e alcance do texto». Sob um ou outro título, apenas a primeira parte acaba por ser privilegiada.

Divide-se a obra de Besselaar em dois segmentos que, não obstante interligados pelo